

Edição eletrônica comemorativa
dos 40 anos de poesia do autor 1966-2006

NOTICIÁRIO



ALBERTO CUNHA MELO

ALBERTO DA CUNHA MELO

NOTICIÁRIO
(Poemas 1969-1978)

ORIGINAL
EDIÇÕES PIRATA – RUA BETÂNIA, 10/102
DERBY – RECIFE – PE – 5000

RECIFE, 1979

EDIÇÃO ELETRÔNICA COMEMORATIVA
DOS 40 ANOS DE POESIA DO AUTOR

OLINDA, 2006



NOTAS PARA ESTA EDIÇÃO ELETRÔNICA

Este livro, Noticiário, foi escrito entre os anos de 1969 a 1978, a quinta publicação de Alberto da Cunha Melo. A obra foi lançada em outubro de 1979, logo após a Lei da Anistia, de 28 de agosto de 1979, pelas Edições Pirata, editora alternativa que chegou a publicar mais de 300 livros e teve Alberto da Cunha Melo como co-fundador. Por essa editora alternativa, ele ainda publicou Dez Poemas Políticos, no mesmo ano, 1979, que se inseriu neste Noticiário, e Poemas a Mão Livre, em 1981. Este último foi reeditado em conjunto com o Carne de Terceira, pelas Edições Bagaço, em 1996. Na virada do século, o poema *Canto dos Emigrantes*, desta obra, foi selecionado, por José Nêumane Pinto, para a antologia *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século* – São Paulo: Geração Editorial, 2001. Neste ano de 2006, Alberto da Cunha Melo assinou contrato de Direitos Autorais com o grupo musical *Cordel do Fogo Encantado*, que incluiu esse mesmo poema em seu novo DVD, que será lançado ainda este ano.

Há 40 anos de seu *Círculo Cósmico* – Ed. Universitária, UFPE, 1966 – A Girafa Editora publicou, neste ano de 2006, o 13º livro de poesia do autor, *O Cão de Olhos Amarelos & Outros Poemas Inéditos*. Sou editora do site do poeta: www.albertocmelo.com, e publiquei em 2003, pela Edições Bagaço, o ensaio *Faces da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo. A longa convivência editorial com a obra de Alberto fez-me editar este e-book*, certa de que estarei atendendo ao anseio de seus muitos admiradores e críticos. Selecionei dois registros que avalizam esta obra e dispensam mais justificativas para esta edição:

"Você não pode imaginar o bem que sua poesia me fez.

Poesia 'de mesmo' — expressão de vida, compromisso histórico."

Paulo Freire, Gênève, 08 de janeiro de 1980.

"Home, você tem a capacidade de fazer com que os escritos no sulmaravilha pareçam frescuras. Assim tipo tricô. Você não faz tricô, você faz bueiros e bilros. Vou contar pra todo mundo."

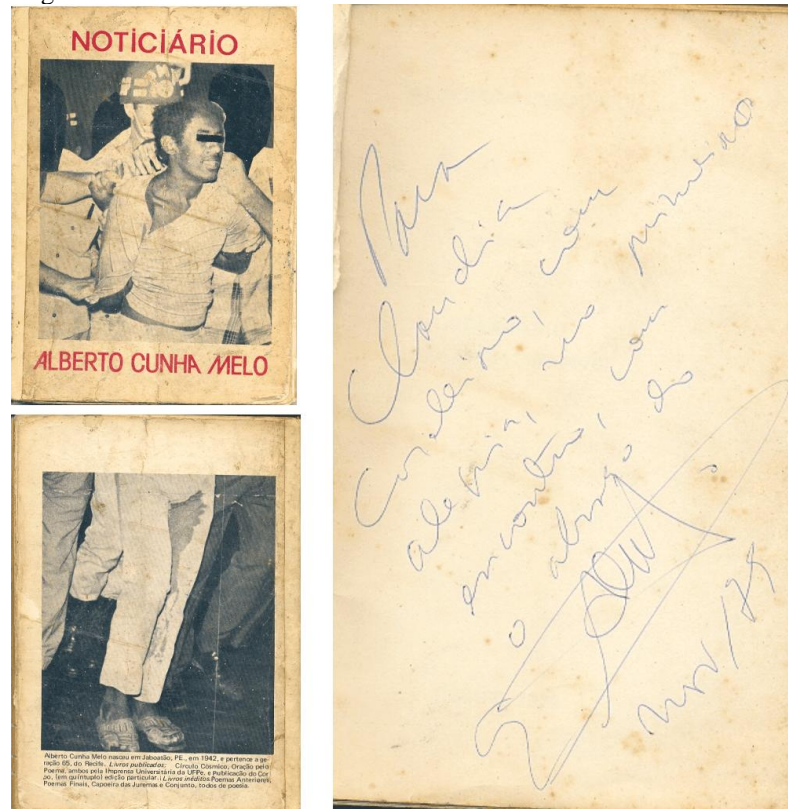
Henfil, Pasquim, 1981.

Olinda, 15 de agosto de 2006.

Cláudia Cordeiro

Prof. de Literatura Brasileira, ensaísta e webdesigner

Primeira e quarta capas e folha de rosto com dedicatória, do exemplar original.¹



¹ As imagens acima são do único exemplar que possuo da edição original. Estive no lançamento da obra que ocorreu em novembro de 1979, no prédio da ACO - Ação Católica Operária, na Rua Gervásio Pires, em Recife, Pernambuco. Foi o primeiro lançamento ao qual compareci de um livro de Alberto da Cunha Melo.

NOTICIÁRIO

ÍNDICE

Epígrafes.....	011
Condições nem tanto objetivas.....	013
NOTÍCIAS LOCAIS	015
Mais resíduos da Schutzstaffel (SS)	016
Aos mestres, com desrespeito	019
Divagações sobre o mesmo medo	020
De um profeta latino-americano	021
Ritual do espancamento	022
Chegada de um camponês à rodoviária	023
Cançoneta do Terceiro Mundo	024
Um lide, para o caso Herzog	025
Essas velhas surpresas	026
As concessões ou os degraus do palácio	027
Injunções na central de abastecimento	028
O desertor se justifica	029
Em quatro tempos a ordem	030
Antonios & Antonio's.....	031
Ame-a ou chore-a	032
Nos quintais, depois dos quartéis	033
Réquiem a um ditador	034
Macroproblemas e microsoluções	035
Bazucas para os colibris	036
Pelo rádio do ônibus, em Recife	037
Abel, o reformista maior	038
Meninos serpentes ou exportadores de rãs	039
Previdência social (sem comentários)	040
Persuasão muito extremista	041
Observações do terceiro andar	042
Pergunta a todos os condenados	043
Aconteceu na ala norte	044

Dilema dos moralistas oficiais	045
Quinta enfermaria no fim do corredor (Lá meu pai se hospedou)	046
Os cereais e seu destino	047
Cemitério de ônibus da CTU	048
O que não era belo	049
Volante, na Mata Sul	050
Neo-romantismo à nordestina	051
O porre do comandante	052
O servente: como descobri-lo	053
As emergências tão rotineiras	054
Um cidadão chato mas respeitável	055
O executivo está acompanhado	056
Reunião da diretoria: expectativas	057
Na mansão dos York	058
Argumento estranho numa casa de tolerância	059
Instruções para jantar no Hilton	060
O diretor chega ao restaurante	061
A ceia de Maria, última também	062
As mulheres, na enchente de 75	063
Demografia, segundo ela mesma	064
As ameaças do auto-encontro	065
Na lanchonete dita "Estrela"	066
Os substituíveis: um flagrante	067
Jorge, o pequeno maneta	068
A enfermidade de Cyntia, da boite Color	069
Uma estratégia como desculpa	070
Armas para a alegria conquistada	071
Código animal, impróprio para heróis	072
Vinte e três horas	073
Insinuação à porta de casa	074
Perímetro e periferia	075
Sob as contentes ciladas	076
Orgulhos de um autodidata	077
As sucedâneas severas	078
Quando muitos ficam sem o ópio	079
História da princesa Alegria	080
A chegada dos paizinhos	081

Um casal muito auto-suficiente	082
Avaliações a zero hora	083
Rute, a mundana do cais	084
Bondade tipo primeira dama	085
Sábios sonhos de sabotagem	086
Segundo poema sobre João Câmara	087
As vantagens de ser um sórdido	088
A Jaci Bezerra, num papo antigo	089
Ora, que pureza mais suja	090
Uma etiqueta muito reveladora	091
Morra este antieducador	092
A arrogância dos enforcados	093
Homem sozinho na balança	094
Olhando-se no espelho do hotel	095
A Plekanov, antes e depois do expurgo.....	096
A vergonha, poucos sabem contá-la	097
O cidadão, mártir do nada	098
Uma sociologia do mercado	099
Algum silêncio particular	100
NOTÍCIAS DA ALDEIA PERDIDA	101
Lamento um tanto regressivo	102
Canto dos emigrantes	103
Nos escombros da comunidade	104
Refugiados do cotidiano	105
Altas sereias de setembro	106
Um sítio, perto de Lagedo	107
Em Tampico, quando ela existia	108
Novidades na aldeia perdida	109
Os Kaapor	110
Os Adamaneses	111
Os Esquimós (Para os poetas esquimós Equeerko e Marratse).....	112
Os Boximanos	113
Os Zuñis	114
Inscrições ao vivo	115

Herói escovando os dentes	116
"Ponta Verde", no litoral do Nordeste	117
A paz eterna, para os utópicos	118
No álbum de Tereza Motta	119
Alguma pressa na calçada	120
As penélopes urbanas não têm ajuda dos deuses	121
Tiranos & caramelos	122
Desembarque de rum	123
Ninguém diga: desse filho não beberei	124
Apolo XI, visto de Brasília	125
Uma sopa chamada turbulência	126
Operação Fênix: relatório	127
Aos poetas patriotas	128
Muito prazer, igualmente	129
O que o expediente camufla (Para Renato Carneiro Campos)	130
Uma carta quase igual às outras	131
Quase à maneira de Jacques Prévert	132
Conversações com uma masoquista	133
Atualizações de Penélope	134
Este ciúmes dos começos	135
No bar da Livro 7	136
Uma semana de Rute	139
A paz relativa ou a catástrofe legal	141
Uma conversa de casal	142
É difícil punir o gato certo	143
Assim, já não é fugir	144
Ela, na aula de anatomia	145
Olhem os inimigos delicados	146
A poesia entra na terapia intensiva	147
O poeta está na pior, como dizem os jovens (Para Almir Castro Barros)	148
A princesa e o plebeu no posto de gasolina	149
José Teotônio, jardineiro público	150
Ainda o mar ou talvez a luta	151
A umbanda, novas louvações	152
Crueldade de gala, o pragmatismo.....	153
Nova discussão sobre o medo	154

Os Otis, falando também de segurança	155
Reminiscência de um herói doméstico	156
Meditações para algum executivo	157
"Help", aos periféricos	158
A chantagem dos extremosos	159
Domingo, na matinée	160
Quando algo foi desligado	161
Quando chove no progresso do Recife	162
Importância da guerra familiar	163

Bibliografia

NOTICIÁRIO

EPÍGRAFES

"De acordo com "O Norte" os seis cadáveres encontrados às 11 h. de segunda-feira do dia 30, portavam, além das marcas de balas, facas e punhal, sinais de queimaduras, estrangulamento e algemas, o que possibilitou a algumas autoridades paraibanas imediatamente descartarem a sua autoria sobre o crime, alegando que apenas em casos de transporte de detentos em presídio usavam-se algemas"

Diária de Pernambuco - Edição de 24.12.1978)

"Se a humanidade me concedesse a palavra para que eu pudesse expressar os meus próprios pensamentos, juro que falaria bem pouco. Mas, infelizmente, temem que eu também seja como eles, que usam as palavras apenas para esconder a própria incapacidade de pensar com lógica e justiça (. . .) Existem coisas que, em nosso mundo atual, só poderão ser vistas por olhos que ainda conseguem chorar. . . "

(Lúcio Flávio Vilar Lírio, assaltante-poeta brasileiro, apunhalado enquanto dormia no presídio Hélio Gomes, no Rio).

*"Oculta sob vegetações ideológicas, a simples realidade"
(Engels)*

Aos meus amigos de geração, que me ajudaram a viver e a escrever este livro.

CONDIÇÕES NEM TANTO OBJETIVAS

Tudo isso aconteceu
enquanto os sóbrios
chegavam cedo em casa
para alcançar os filhos acordados.

Tudo isso aconteceu
enquanto os mansos
apertavam nas mãos
o cascalho de ferro
para não matar
os que matavam em paz.

Tudo isso aconteceu
enquanto os justos
consultavam "O Eclesiástico"
para dividir a castigo
em partes iguais.

Tudo isso aconteceu
enquanto o amor, o trabalho
e outras desculpas verdadeiras
se tornavam a ponte
para que isso acontecesse.

NOTÍCIAS LOCAIS

MAIS RESÍDUOS DA SCHUTZSTAFFEL (SS)

"Em todas as paróquias se escolherão um ou dois padres e dois ou três leigos, pessoas de bem, a quem se fará prestar juramento, e que farão buscas freqüentes e escrupulosas em todas as casas, nos quartos, celeiros, subterrâneos, etc., com o fim de se certificarem se porventura não há hereges escondidos". (Concílio de Tolosa)

Quando a pátria
não é mais tangível
como a mudança
das folhas nas árvores
e das ânsias nos homens,
em nome dela
as árvores e os homens
começam a tombar:
Ó SS, S.O.S.
nessas noites
imerecidamente tropicais,
quando velhos tios
e parceiros de dominó
(morando a alguns quarteirões)
são menos esperados
do que os lúgubres alunos
de Nicolau Américo;
são menos esperados
do que todos
os súditos dos sádicos,
os sátrapas dos seikos,

os servos da segurança,
tudo conforme
a fúria dos fatos
ou o concílio de sempre,
o de Tolosa;
são menos esperados
do que Fleury, o carnicheiro branco,
com seu incandescente
ferro de soldar
estalando nos pentelhos
da guerrilheira Marta;
são menos esperados
do que as caixas de algemas
no porto do Recife ou de Santos, onde
todo pobre é suspeito
e todo suspeito é culpado
no mínimo de ser pobre;
são menos esperados
do que os carros de choque
e o tilintar das medalhas
nos coletes à prova de povo,
do que o assalto dos tiras
nos bairros sem luz,
onde jazem as doutrinas
da segurança interna,

do que o rosar dos ricos
e seus "pastores alemães",
numa terra invadida
pelos seus guardiões.

nov.74

AOS MESTRES, COM DESRESPEITO

Dizem que meu povo
é alegre e pacífico.
Eu digo que meu povo
é uma grande força insultada.
Dizem que meu povo
aprendeu com as argilas
e os bons senhores de engenho
a conhecer seu lugar.
Eu digo que meu povo
deve ser respeitado
como qualquer ânsia desconhecida
da natureza.
Dizem que meu povo
não sabe escovar-se
nem escolher seu destino.
Eu digo que meu povo
é uma pedra inflamada
rolando e crescendo
do interior para o mar.

DIVAGAÇÕES SOBRE O MESMO MEDO

O medo cria músculos
e sólidos ossos
nas nuvens do céu.
O medo aumenta o perigo
e diminui os homens.

DE UM PROFETA LATINO-AMERICANO

Preparem os corpos
para os desertos
que vão ser bem longos
e não merecidos.
Nem as crianças sabem
de onde vem o fogo,
mas o fogo vem.
Se os homens de boa vontade
não têm boas armas,
os homens de boas armas
não têm boa vontade.
Agora, apenas
a normalidade repetida
já será a destruição.

RITUAL DO ESPANCAMENTO

Espancado para aprender
a espancar
e ser espancado,
espancado em nome de Deus
ou de um jarro quebrado,
espancado para falar
e calar
o próprio espancamento.
Espancado para aprender
que os homens aprendem
espancando e sendo espancados,
espancado para dizer
que não foi espancado,
espancado para morrer
pensando que o mundo
está povoado
de espancados que espancam
e espancadores espancados.

CHEGADA DE UM CAMPONÊS À RODOVIÁRIA

És tão pouco, tão pobre,
tão nada,
como chegaste até aqui?
Todos esperavam receber,
pelos ruídos que vinham do Nordeste,
alguma coisa coletiva
e numerosa,
alguma cerca majestosa.
Mas, chegaste,
criatura despedaçada,
uma após outra,
no teu humilde
e poderoso chegar.

CANÇONETA DO TERCEIRO MUNDO

Quanto aço
e ferro gusa
faltam ainda
para meu povo nascer?

Quanto passo
de ganso
quanto gosto
de barro
faltam ainda
para meu povo crescer?

Quantos carros
de crédito,
quantas guerras
de escarro
faltam ainda
para meu povo vencer?

UM LIDE, PARA O CASO HERZOG

Os duzentos e vinte woltts
acenderam os mercúrios
dos frios planaltos,
passaram a ferro
os capuzes dos crápulas,
iluminaram a pista
para o pouso belíssimo
de ansiosas sônias,
mas não revelaram
o nome e o sonho
que a milícia dos monstros
(desde os tempos de Deus)
tanto perguntavam.

ESSAS VELHAS SURPRESAS

Ao padre e líder Romano Zufferey

Fora do fogo,
não há saída:
porque fugir
é a pior
maneira de ficar.
Teus escuros
e falsamente apodrecidos
pedaços
envenenarão os abutres:
isso ainda é lutar.
Fora da luta,
não há descanso merecido
não existe despertar.

AS CONCESSÕES OU OS DEGRÁUS DO PALÁCIO

Hoje, por teu filho,
amanhã, pelo filho
de quem usa teu filho:
quanto mais concedes
mais com sede irás.

INJUNÇÕES NA CENTRAL DE ABASTECIMENTO

Ah, se nossas laranjas
cobrissem a terra
e disséssemos, com orgulho:
vejam, fomos nós que plantamos
essas coisas douradas
e nosso povo está salvo.

Mas o trabalho perdeu
essa alegria maior,
a de justificar
nossa espantosa presença
sob a água e a luz
de ingratas estações.

O trabalho é agora
a grande justificativa
para o ódio acertar
(com mais ódio) seu alvo.

O DESERTOR SE JUSTIFICA

Primeiro, se envergonharão de mim
Depois, quando essa vergonha
for aspirada como o lixo
volátil das cidades cinzentas,
saberão porque eu temia
quando eles se divertiam,
e temerão muito mais do que eu
e pedirão meu trêmulo socorro.

EM QUATRO TEMPOS: A ORDEM

"Não temos desejos. Cumprimos ordens"

Fernando Bethlem
Ministro do Exército
(Isto é, 05-04-78)

A ordem
é obedecer
sem discussão
a ordem.

A ordem
é manter
sem discussão
a ordem.

A ordem
é lutar
sem discussão
pela ordem.

A ordem
é morrer
sem discussão
pela ordem.

ANTONIOS & ANTONIO'S

Essa lei sempre vence
com seus gazes
e suas coronhadas
no rosto dos antonios.

Ela sabe podar
as folhas que balançam
entre as altas voltagens,
ela faz voltar
para casa, vencidos,
os que sobraram
na fila dos antonios.

qualquer metáfora,
qualquer símbolo
serve apenas para engordar
seus dispositivos.
Qualquer medalha em nosso peito
é sinal de que sucumbimos,
e não nos chamamos antonio.

AME-A OU CHORE-A

O calendário diz:
- o inverno começa hoje.

O oráculo dos órfãos
ergue uma bandeira molhada,
morta,
muito pesada para o vento,
muito pesada para os órfãos.
Impedida de tremular,
ela fala do inverno
com mais precisão.

NOS QUINTAIS, DEPOIS DOS QUARTÉIS

Os uniformes de guerra
estão lavados
com o sabão da terra
e as alfazemas
das mocas pardas;
estão secando
desde o último sol
na memória do povo,
e não devem mais
contra ele
ser vestidos de novo.

RÉQUIEM A UM DITADOR

Ajeitou os óculos e disse:
queria estar velho
num terraço esquecido,
feito de tábuas soltas e azuis tardios.
Só assim,
nenhum povo assustaria
os primeiros abutres
para ver-me, trêmulo, na sacada,
e torcer pela minha agonia.
Ajeitou (mais uma vez) os óculos e disse:
não morri tarde,
morri antes de mim.

MACROPROBLEMAS E MICROSOLUÇÕES

A fronteira sino-soviética,
o canal do Panamá
e o roubo do canário de Márcio
são três problemas para o mundo.
O mundo tem problemas
porque possui fronteiras,
canais e canários.

BAZUCAS PARA OS COLIBRIS

Arsenais da Otan e do Pacto de Varsóvia:
Ó delicados argumentos
para os pendões de milho
e os meninos
continuarem a crescer.
Os povos africanos
não planejam invadir
o Leste Europeu,
e as moças da Rússia,
como as outras escovam
seus cabelos pela manhã.
De que demônios
mais sanguinários do que nós
as armas que produzimos
nos protegem?

PELO RÁDIO DO ÔNIBUS, EM RECIFE

O pesado e pisado
ônibus de San Martin
anunciava pelo rádio
a reunião de cúpula do mundo árabe.
Ninguém, é claro, prestava atenção
No longínquo cerco aos palestinos.
Todos ali, como se diz,
Estavam também cercados
(o que aumentava mais ainda
o cerco universal dos palestinos).
Estes, em seus acampamentos,
ouvindo já próximo
o ranger de dentes cristãos,
não podiam preocupar-se
com os operários e enfermos
dos ônibus que fazem
a linha San Martin/Recife
(o que aumentava mais ainda
a solidão dos passageiros).

ABEL, O REFORMISTA MAIOR

Abel quer salvar a terra,
mas a terra se arma,
a terra resiste
e Abel se embriaga
para comovê-la.
Escreve cartas a Damasco,
telefona a Moscou,
leva mostras
de arroz calcinado
aos químicos da General Motors.
Mas Damasco, Moscou e os químicos
pouco podem fazer
e também resistem,
e Abel se embriaga
porque eles resistem.
Enquanto Abel se embriaga
Caim toma conta da terra.

MENINOS SERPENTES
OU EXPORTADORES DE RÃS

Os charcos da Zona da Mata
exportam rãs
para o Mercado Comum Europeu.
Dentro da noite pobre,
elas são caçadas pelas crianças
que dormem tarde
e conhecem o canto
das rãs adultas e gordas,
tipo exportação.
À hora em que Deus
é louvado
pelas outras crianças,
esses meninos (répteis e órfãos),
silenciam os pântanos.

PREVIDÊNCIA SOCIAL
(SEM COMENTÁRIO)

Os humilhados têm nomes simples,
fáceis de decorar
e de esquecer.

Habitam o vestíbulo
de tudo.

Antes mesmo que os zeladores

Espanem as mesas,
limpem os cinzeiros
e abram as janelas,
eles já chegaram.

Antes mesmo que o sol
entre na sala principal
uma fila silenciosa
escurece o vestíbulo.

PERSUASÃO MUITO EXTREMISTA

Com as mãos recém-urinadas,
ele escreve o seu recado
para os amigos.
Sujo de si, talvez
seja logo entendido
e quatro ou cinco blasfêmias
ou risadas recolha
antes do entardecer.
A verdade é que desaprendemos
a ser grandes em tempos de paz
e tentamos ser novos
e outros:
o que somos já não serve
para iludir a filharada
ou amansar
a perversidade da terra.

OBSERVAÇÕES DO TERCEIRO ANDAR

Os que não suportavam mais
e urravam
eram silenciados pelos motores
da fábrica de cerveja.
E tudo era um alarme só,
O da terra sendo trabalhada
contra aqueles que a amavam.

O carro fúnebre
chefeava o cortejo
anônimo e diluído
no tráfego das cinco.
A morte não faz hoje
o barulho de ontem,
mas os mortos,
como ontem,
continuam indiferentes.

PERGUNTA A TODOS OS CONDENADOS

"Os condenados são belos"
dizia Kafka.
Os condenados possuem
a beleza de ser
opção e desvio
na linha férrea do tempo.
Com eles bebo
em paz a minha cerveja
e posso cantar
minha inveja suprema
de não ser um deles.
Amo os malditos
e me deixo matar
pelos meus semelhantes.

ACONTECEU NA ALA NORTE

Que novo tipo de droga
escondida na lata
o prisioneiro aspira
noite e dia?
Cheira apaixonado
as fezes já velhas
do companheiro trucidado
pelo carcereiro
que agora lhe vem trucidar.

DILEMA DOS MORALISTAS OFICIAIS

Amanheceu:
os ascensoristas estão a postos,
a noite não destruiu a ordem.
Mas as crianças ainda podem nascer
e o mundo tentar tudo
outra vez.
Não vai ser fácil
Queimar tanto joio
e poupar todas a mães
(sempre "santas")
e todos os pais
(sempre "honestos e trabalhadores").
Não vai ser fácil
Encontrar um joio
com nome de joio
para queimar.

QUINTA ENFERMARIA
NO FIM DO CORREDOR

(Lá meu pai se hospedou)

Finalmente, chegamos
à Quinta Enfermaria:
onde os tubos de soro
e de oxigênio
só chegam para dar
certa solenidade técnica
à morte.
Aqui, a dor
só é ouvida
se for capaz
de varar o sossego
e a morfina
das outras enfermarias.

OS CERAIS E SEU DESTINO

Esta falta de Deus
era mais esperada
do que esta falta de Homens.
Mas, que demônio
teve os testículos triturados
a ponto de seu ódio
triunfar sobre as balizas do Ocidente?

Não são mais festejadas
as notícias de grandes colheitas,
porque as notícias sozinhas
não fazem crescer as crianças.
E as palavras retornam
aos seus primitivos rumores
e são pesadas como o grão
que existe,
e o grão
que falta.

CEMITÉRIO DE ÔNIBUS DA CTU

Ônibus mortos, mortos,
abatidos com o peso do povo.
quando as ervas, manchadas de diesel,
vos cobrirão fatalmente
na garagem esquecida
e fim de todas as linhas?
Qualquer metafísica se dobra
a essas ferragens fraturadas
e úmidas carcaças, onde o nome
do bairro humilde
vai-se apagando coberto
pelas hastes dos lírios silvestres.
Quantos quilômetros rodados
do subúrbio à cidade,
da cidade ao subúrbio.
Quantos quilômetros roubados
à viagem sonhada
que vossos passageiros
não puderam fazer.

O QUE NÃO ERA BELO

Antônio nunca recebeu
o Prêmio Nobel da Paz
e nenhum jornal de Estocolmo
jamais fotografou
seu rosto cinza, sua barba falhada.
Antonio bebeu, bebeu
para não explodir,
bebeu até perder, definitivamente,
a vergonha de correr
ou cantar.
Até receber calado
o primeiro escárnio
das mulheres sem dentes
e os murros do povo abandonado.

VOLANTE, NA MATA SUL

A foto dos três palestinos
enforcados no Líbano
foi encontrada no bolso de Inácio,
cambiteiro de cinco engenhos:
era um pedaço de jornal
que enrolava um pedaço de fumo
comprado na feira de Palmares.
Inácio, segundo o legista,
morreu porque tinha olhos castanhos,
e olhos castanhos fazem mal ao futuro:
as pessoas que os têm, diz a lenda,
geralmente morrem enforcadas.

NEO-ROMANTISMO À NORDESTINA

Com essa queixa, essa repugnante
baba a escorrer
no queixoso queixo,
é assim que um homem
começa a sobrar na terra.
Justamente quando começa
a dispersar em suspiros
sua grande explosão.

O PORRE DO COMANDANTE

Na mesa, onde as moscas agonizam,
tu bebes, gigante do desgosto,
como qualquer ferreiro doente.
Tu bebes, porque é esta
a única fraqueza permitida
a um guerreiro assim,
numa terra assim,
depois da derrota.

O SERVENTE: COMO
DESCOBRI-LO

Às mesas limpas
ninguém presta atenção:
porque João só existe
quando não comparece
à repartição.

AS EMERGÊNCIAS TÃO ROTINEIRAS

Enquanto os feridos
são transportados às pressas
para o oxigênio e o plasma,
e suas hortas genitais
são expostas inteiras
nas passarelas do bairro sujo,
e o sangue borra seriamente
os colarinhos, as pastas negras
e os carros dos bebes;
enquanto a vida,
louça monstruosa,
racha-se nas extremidades,
tu bebes teu conhaque
com vergonha
de não ter feito mal a ninguém.

UM CIDADÃO CHATO MAS RESPEITÁVEL

Os impostos pagos em dia,
a casa pintada de branco
e a mulher dormindo
com as coxas marcadas
pelos dentes mais limpos
e pontuais do subúrbio.
Tudo funcionando:
o intestino, o relógio
e condicionador dos meninos.
Mas o mínimo sopro
do ventos vizinhos
perturbará esse reino
das coisas compradas.

O EXECUTIVO ESTÁ ACOMPANHADO

De longo negro,
tua fêmea
passa entre as mesas
cercada
de olhos famélicos:
isto é naturalmente bom
para o cadastro bancário
ou a úlcera de estimação.
Fartas fatias
de presunto e melão
descem fácil
se descem
pela garganta vitoriosa.
Vences, agora, fácil
o que vences:
tua vitória é
ser visto somente.

REUNIÃO DA DIRETORIA: EXPECTATIVAS

Todos reconhecem
seu direito exclusivo de estar nervoso
e seus coices serão perdoados no fim do ano.
Quando cisma em calar-se,
seu silêncio é dissecado nas ante-salas
com pinças longas de quem mexe
(de longe) nas entranhas
de algum cadáver radioativo.
E ele sabe disso.
Seu murro na mesa de vidro
pode interromper um destino.
E todos sabem disso.

NA MANSÃO DOS YORK

Três vezes por semana
a piscina é lavada
a sumo de limão
e os jardineiros se revezam
expulsando as folhas mortas,
desabraçando as parasitas.
Cada sala, cada banheiro
tem o perfume
de um bosque estrangeiro.
Esta casa é tão grande
que seus moradores
raramente se encontram.

ARGUMENTO ESTRANHO NUMA CASA DE TOLERÂNCIA

Seus dodges de luxo
já buzinam agora
para os portões dos fundos
da História.
Mas a raiva de certos séculos
enferrujou os ferrolhos,
modificou os mordomos,
forrou de ferro e fungo
o tempo da tolerância.
"Quem faz confusão
paga com o espinhaço",
diz-nos do alto de suas omoplatas,
o leão-de-chácara do puteiro pobre.

INSTRUÇÕES PARA JANTAR NO HILTON

Observe com atenção
o teor de cristal
dos altos copos,
a virgindade das velas
e a limpeza das unhas do garçom.
Nem a face de Cristo
deve macular
a pureza de teu guardanapo:
tudo deve estar
como não estás.

O DIRETOR CHEGA AO RESTAURANTE

O motorista abre-lhe uma porta
e as mulheres a outra.
O vinho passou um século
esperando para mergulhar
em sua garganta,
e os garçons treinaram três anos
uma nova gentileza
para servi-lo.
Que coisa extraordinária
fez esse homem?

A CEIA DE MARIA, ÚLTIMA TAMBÉM

Cheiravas a ódio alaranjado
quando, para teus inimigos,
serviste o último jantar.
Os que iam morrer
receberam, no fim, vinhos e guardanapos,
e fizeram um brinde
à tua hospitalidade,
e prometeram ainda voltar.
Mas, nem sequer se ergueram
para socar as camisas,
nem sequer viram
tuas saias em chamas.
Um a um, foram emborcando
sobre a mesa: começaram
a ferver seus vinhos
venenosos,
a partir-se delicadamente
seus hipócritas cristais.

AS MULHERES, NA ENCHENTE DE 75

Sobre a lama e os inchados cadáveres
as mulheres passeiam excitadas.
Elas gritam, com seus shorts ligados
à delicada borracha,
que vida e seus despojos
precisam de raivosos
e altivos sobreviventes.
Elas mordem, para vingar-se,
a oblíqua haste dos vencidos
e os denunciam, sedentas,
e se recolhem, depois da catástrofe,
ao seu rancor milenar.

DEMOGRAFIA, SEGUNDO ELA MESMA

Ordem, mais ordem:
a massa deve fluir
como um grande pedaço de água
sem história, um pardo
farrapo de rio
que deságua no nada.
Ordem, mais ordem:
Cada homem pensando
o que pesa na multidão,
cada homem crescendo
na ordem inversa
da quantidade de seus irmãos.

AS AMEAÇAS DO AUTOENCONTRO

Poucos, como você,
Trabalharam o vazio
Com tanta certeza triste,
com tantas garras de garça
com tantos zeros e zebras
pela frente.

De todas as coisas,
só buscava a alegria
e buscava tudo.
Houve muitas piadas,
muitos vermouths,
muitas mulheres,
só você mesmo não houve.

NA LANCHONETE DITA "ESTRELA"

O almoço rápido
desce em bolos, balas,
em filas, fungos
de ferro,
com tickets
de caixa,
sinais da cruz
a telefonemas soluçados.
O almoço rápido
tem o gosto
do gás branco
das botas
do fugitivos.
Depois dele,
nem redes,
nem risos:
que cansaço
que infinito!

OS SUBSTITUÍVEIS: UM FLAGRANTE

Mulheres em chamas
jogam filhos
nos maridos repugnantes,
que rezam deitados
de tão bêbados
e a noite apenas começou.

Estas mulheres, estes filhos
e estes maridos repugnantes,
quando desaparecerem,
casas tranqüilos habitarão suas casas,
já de muros mais altos,
e em cujas ruas a prefeitura
plantará ficus e flamboyants.

Como se nada tivesse acontecido,
como se o próprio abandono
baixasse à terra com os abandonados.

JORGE, O PEQUENO MANETA

Decepada a mão direita de Jorge,
aos dois anos, quando ele
ousava enchê-la de arroz.
Essa mão solta, apertando
os grãos cozidos pelo ódio
e pelo ódio defendidos
ficou na mesa muito tempo.

Os irmãos mais velhos olhavam-na
como a um brinquedo sem graça
que a mãe, de um só golpe
e, de surpresa, jogara
sobre a mesa de fórmica.

Essa mão de dois anos,
incapaz de abarcar
um copo de sorvete,
segurou-os, um a um, pelas roupas
e arrastou-os para uma cidade
onde o horror toma o ônibus
todas as manhãs.

A ENFERMIDADE DE CYNTIA,
DA BOITE COLOR

No corpo de Cyntia,
limpo e cintilante,
o cristal vazava
cinicamente o seu pus.
Pelos rachões do cristal
Cyntia se via
vazando escondida
sua fétida luz.

UMA ESTRATÉGIA COMO DESCULPA

Um passo a mais
nesse poço
é irreversível,
porque o resto é cair
na flora terminal
de todos os abismos.

Todo erro dos fracos
é um erro fatal.

ARMAS PARA A ALEGRIA CONQUISTADA

Com odes
ou ódios
defenda
a sua alegria:
tão mansa
tão muda
e medrosa:
menina excitada
na sela
de um cavalo ferido.

CÓDIGO ANIMAL, IMPRÓPRIO PARA HERÓIS

O esquecido heroísmo do corpo
pela sua unidade,
o subterrâneo recrutamento da luz
cozinhando por dentro
suas formas de adeus.
Tudo isso, e mais
a infinita vontade de vencer.
Há touros, pássaros e peixes
covardes.
Só o homem perdeu esse direito.

VINTE E TRÊS HORAS

Deveríamos estar em casa
ouvindo a mulher queixar-se
das crianças, das varizes,
do vento de agosto
quebrando suas dalias,
do seu corpo jovem
esperando o outro... verão.
Deveríamos estar com as mãos
em seus cabelos indecisos
e propondo-lhe o terrível
passeio de ônibus
à praia de São José da Coroa Grande,
em algum Domingo
depois da promoção.
Tudo isso seria possível
se a vida merecesse
uma agonia maior
do que o remorso
de não ter sofrido um pouco mais.

INSINUAÇÃO À PORTA DE CASA

Tudo que é grande
tem de ensangüentar a cabeça
para abrir caminho
nos bosques viciados
com animais e sonhos
de pequeno porte.
Tem de ensangüentar a cabeça
Ou diminuir o seu ímpeto,
levando para o túmulo
a metade de sua grandeza.

PERÍMETRO E PERFIFERIA

Uma terra feita
para mortos e matadores,
o habitat perfeito
para as soluçantes terezas
que abrem as portas de um mundo em movimento,
e se jogam no seco granito.

Com o sexo apodrecido
elas às vezes atacam
os bons rapazes da capital,
e dançam com seus longos de mescla
à beira de uma piscina noturna.
Altivas putas que empunham
os nossos pênis e batem
em nós com nosso própria culpa.

SOB AS CONTENTES CILADAS

A alegria, esta moça do campo,
arma alçapões coloridos
pelos caminhos;
a alegria, esta poça de canto,
prende caminhões perdidos,
pelos caminhos;
a alegria, esta lança de louça,
mata a atenção dos vivos
pelos caminhos.

ORGULHOS DE UM AUTODIDATA

Enquanto cavas tua própria fonte,
outros procuram os regatos
prontos, as chuvas automáticas.
Mas ardem mais, e morrem mais
os que ousam viver mais.

Eis a infâmia e sua justificação
ao alcance de todos,
para homens sem tempo, ocu(1)padados
em crimes mais perfeitos.

Teus dedos sangram
antes de tua fonte.
Profunda é a terra,
mas continua.
O último órfão
do último século
ainda pagará
os juros de tua cicatriz.

AS SUCEDÂNEAS SEVERAS

Limpas
ou manchadas de digitais,
alcançadas ou não,
elas perturbam.
Quantos olhos vencidos
deixaram de receber
esse brilho,
essa luz, esse cuidado luminoso
com a superfície das coisas?
De que ausências,
de que símbolos
elas são a madeira?
Quem as protege
da poeira e da chuva
que coisa ausente estará protegendo?
Ou, que rosto presente,
mais vivo
e mais completo do que elas
estará sem proteção?

QUANDO MUITOS FICAM SEM ÓPIO

Os que mataram Deus
não tiveram ainda imaginação
bastante para inventar
outra coisa tão mágica
quanto aquele ser de borracha
que nos alcançava
em qualquer ponto da floresta.
Naquele tempo,
não se era tão pobre
quando se era
filho de Deus.

Só o Deus dos pobres
morreu.

HISTÓRIA DA PRINCESA ALEGRIA

Era uma alegria
que olhava sempre para os lados
e tinha medo
de ser uma alegria.
Quando se extremava,
guardiões a tangiam
para os becos baratos
e os portos desertos.

Nós, os zeladores
das ruas mais claras,
demos-lhe um nome
tão cheio de fel,
que só com ódio
conseguimos pronunciar-lo.
E, no entanto, ela é leve
como julgávamos nossos filhos,
e bela,
como julgávamos nossas amadas.

Ó alegria
quando poderemos
nus e indefesos merecer-te?

A CHEGADA DOS PAIZINHOS

Eis o mal que fizeram hoje:
três copos partidos
e o tapete cortado.
Chegamos cedo
e somos o seu medo:
os criminosos chegam cedo
para punir as crianças.
Nosso castigo gigantesco
ensina-as a cometer
um crime de verdade.

UM CASAL MUITO AUTO-SUFICIENTE

Eles se bastam
porque são rasos
e pouca água os completa ou se bastam
porque não querem mesmo se completar?

Parafuso e porca
de uma máquina surda, ele e ela
não discutem que flores,
que homens, que junhos
ajudam, com seu amor,
a triturar.

Eles se alcançam
porque não tentam
outra coisa mais alta
que seu amor
alcançar.

AVALIAÇÕES A ZERO HORA

Hoje, não paramos no bar,
não cortejamos a moça da lanchonete,
não discutimos os defeitos do chefe
e, no entanto, não estamos
suficientes leves
e livres para dormir.
O serviço ficou pronto,
a autoridade dos diretores
está salva.
Mas, como dormir
depois de um dia inexistente?

RUTE, A MUNDANA DO CAIS

Nem tudo e nem todos
estão perdidos.
Só Rute e o Ocidente
estão perdidos.
Quando o garçom
jogou-lhe uma cadeira
e expulsou-a da terra,
o Time silenciou
e "O Estado de S. Paulo"
escolheu divulgar
as últimas olimpíadas.
Um dia
o sol explodirá
e os maus também desaparecerão
Que consolo, hein, Rute?

BONDADE TIPO PRIMEIRA DAMA

A bondade é, às vezes,
o simples temor
de ficar à vontade.
O simples temor
de partir a coleira
do animal já colérico
que nos morde por falta
de ração mais estranha,
de garganta mais nova
e mais baixa que a nossa.
A bondade é, às vezes,
simplesmente o medo
de morrermos juntos
do animal que somos.

SABIOS SONHOS DE SABOTAGEM

De repente, escutar
o que a brisa ou o rumor do tráfego
gentilmente souberam esconder:
sob risos ou discos de Pink Floyd,
estás visivelmente perdido.
O que antes era chamado limite
assume a sua temível
natureza concreta
de colibri ou exaustão.
Mas, antes de entregar a cabeça,
vamos enchê-la de sonhos:
alguns deles rebentará dos esterco,
onde pastam com os cães
as magnólias enlouquecidas.

SEGUNDO POEMA SOBRE JOÃO CÂMARA

Objetividade perversa
contra o sonho delicado
de quem se distrai
com o fumo policrômico
dos incêndios alheios,
enquanto uma mulher
procura avidamente
um sanitário pela cidade.

Realismo anterior
porque antes que o real
possa disfarçar-se,
cirurgia intestinal
procurando o verão
lá dentro dos homens.

AS VANTAGENS DE SER UM SÓRDIDO

Só os sórdidos
amam a mulher do próximo
mais do que o próprio
bebem e babam
a buceta das bruxas
que abusam deles
e, às vezes, choram
como qualquer anjo.
Só os sórdidos
saltam os salmos
dos salvos
para ouvir os sujos
e os sórdidos.

A JACI BEZERRA, NUM PAPO ANTIGO

As caixas de anfetaminas,
as urnas e os mísseis juninos
se misturam nos quartos
das fêmeas enfermas,
nas bolsas dos fetos
fermentados pelo medo.

O dia está belo,
dizem os que vão para a praia
Ah, talvez seja um crime
tanto desmenti-los
quanto fuzilá-los.

ORA, QUE PUREZA MAIS SUJA

A pureza é outra coisa:
é este modo de estar sujo
da lágrima ou do catarro
que não jorraram
dos nossos olhos ou de nossa boca.
É esse jeito de esponja
que morre pesada
e mais suja
mas morre maior.

UMA ETIQUETA MUITO REVELADORA

O conhaque aquecido
na mão direita
deve elevar-se lentamente
até os lábios
que, por sua vez, estarão
apenas entreabertos,
como os de quem diz
a palavra cedo.
Justamente porque
é realmente cedo
para os gestos mais largos
de cortar o faisão
ou desdobrar
o guardanapo
verde da permissão.

MORRA ESTE ANTIEDUCADOR

Para criar nossos filhos
interrompemos a aventura
e chegamos cedo em casa.
Quanto menos somos,
mais o mundo se orgulha
de nossa triste maturidade.

A ARROGÂNCIA DOS ENFORCADOS

Todos estão feridos,
os fortes, inclusive.
O que difere é como
feridos nos comportamos.
Poucos sabem que o choro
é também este
levantar de cabeça,
este modo de limpar o revólver.
Para todos, é sempre isto:
o oscilar do corpo para uma terra
ávida
por recebê-lo de volta.
Nem só aqueles que oscilam merecem misericórdia.

HOMEM SOZINHO NA BALANÇA

Sou pouco para tantos
pedidos de socorro
e pouco, muito pouco,
para ser socorrido.

Sou pouco para amar
os que têm merecido
meu pouco amor;
para prender, segurar
o amor que mereço,
pouco para suportar
ser tão pouco.

OLHANDO-SE NO ESPELHO DO HOTEL

Agora me lembro
do que sou:
nenhuma palavra alta,
nenhuma ousadia maior
do que a de esperar
que os outros não ousem contra mim.

Agora me lembro
do que posso:
posso o que não sonho,
o que não amo,
posso o que sou.

A PLEKÂNOV, ANTES E DEPOIS DO EXPURGO

Falo do sempre
ou melhor
do que sempre nos acontece
e não me saio bem:
é disto que todos fogem
à procura da enésima
maravilha do mundo.
Não estou certo, nem errado,
estou sozinho.

A VERGONHA, POUCOS SABEM CONTÁ-LA

Cheio de vergonha,
gaguejo diante cios diretores
que nasceram só para assistir
à minha vergonha.

Verme perfumado, rastejo
com pedaços de terra viva
soltando-se do corpo:
envergonhado de ser verme
e ver-me sorvendo
suco de sânie e triturando
olhos azuis apodrecidos.

Tanta vergonha,
e nenhum gol na infância.

Tanta vergonha
e nenhuma face
feita para a fuga.

Tanta vergonha
e nenhum deus
para assumi-la por mim.

O CIDADÃO, MÁRTIR DO NADA

Renunciei a tomar
o décimo rum
e meus filhos não se salvaram.
Renunciei a tocar
a carne ansiosa de Carla,
quando tudo já estava pronto,
e minha mulher
não interrompeu o seu pranto.
Renunciei a partir,
enquanto a madeira do barco
apodrecia no cais,
e não salvei meu país,
Renunciei a romper
as artérias dos maus
e fui sepultado como um deles.

UMA SOCIOLOGIA DO MERCADO

Esquecido dos anúncios,
compro as coisas anunciadas:
a pasta branca do sorriso de Maria,
o detergente detetive
em busca do gérmen misterioso,
a goma de mascar
sucedânea de quem
não podemos triturar,
ou um tipo discreto
e menos bíblico
do ranger de dentes.
Esquecido dos painéis
sou, à distância, acionado:
as faixas de pedestre
e os sinais semaforicos
não me defendem propriamente:
eles visam a salvar
a caminho do consumo
o provável consumidor.

ALGUM SILÊNCIO PARTICULAR

Dentes trincados, contra o falso que procura borrar
o teu vestido imaculado.
Dá-me, na garganta de granito,
um silêncio cheio de poros
onde todos os sonhos
possam respirar.
Cansei de não ter cansado
o bastante:
quero dormir como dormem
os que tentaram tudo.

NOTÍCIAS DA ALDEIA (PERDIDA)

LAMENTO UM TANTO REGRESSIVO

Calei muitos
anos de calados dezembros,
quando o gosto da champanha azeda
combinava com todas as ânsias.
Calei muito
e não falaram por mim.

Aprendi sozinho
o que sozinho se aprende
do instante que não quer ser
mais que um instante,
e de nós, que nos matamos,
para ser esse instante.

Calei muito
e não fui reclamado:
minha voz não era a esperada.
Mas, o que disseram
durante o meu silêncio?

CANTO DOS EMIGRANTES

Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros,
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos,
com seu povo
ou a lembrança de seu povo,
todos emigram.

De urna quadra a outra
do tempo,
de uma praia a outra
do Atlântico,
de uma serra a outra
das cordilheiras,
todos emigram.

Para o corpo de Berenice
ou o coração de Wall Street,
para o último templo
ou a primeira dose de tóxico,
para dentro de si
ou para todos, para sempre
todos emigram.

NOS ESCOMBROS DA COMUNIDADE

Marchamos para o urro de Kiekergard
e não para o ingênuo cantar
das lavadeiras de nossa terra.
Descobrimos que a vida
pode ser possível
que a vida
pode ser dividida
e começamos a despertar
para a caça sangrenta
do que ainda existe de vida
em nossa vida.
Mas, às vezes, despertamos
para salvar
os que se afogam
nas águas do nosso despertar.

REFUGIADOS DO QUOTIDIANO

As crianças sabem morrer
porque pouco aprenderam conosco,
porque não tivemos tempo
de estragar a sua morte.

Mas, alguém começa a reger,
onde quer que elas morram,
uma orquestra brutal.
E esta era uma noite
que prometia revelar,
uma por uma suas estrelas;
que prometia revelar,
aos seres extremos,
uma por uma suas estradas.

Onde, as cidades, as aldeias
sabiamente estagnadas
em sua inocência?
Para lá deveríamos transportar
os pequenos corpos arquejantes,
os pássaros velhos
e as folhas amarelecidas.

ALTAS SEREIAS DE SETEMBRO

Setembro vem depois dos ventos,
depois dos tristes noticiários de agosto.
Na minha terra os pobres saúdam
o início das colheitas de cana,
a estação pública dos banhos de sol
e abraçam as espumas:
brancas recepcionistas do Atlântico.

Setembro, na minha terra,
é o mês do mar,
o aniversário da esperança.

UM SITIO, PERTO DE LAGEDO

Tudo tinha sentido
quando a chuva e o sol,
não os outros homens,
diziam quantos filhos e espigas teríamos
nos próximos anos.

Tudo tinha sentido
quando nossas mulheres,
abrindo a porta dos celeiros
se enfeitavam, sem medo,
para a entrega noturna.

Tudo tinha sentido
quando éramos poucos
e envelhecíamos ensinando
a viver e plantar.

EM TAMPICO, QUANDO ELA EXISTIA

As crianças da aldeia
às vezes tinham febre
e os médicos, naquele tempo,
moravam tão longe
dos pobres, como hoje.
Mas as ervas cresciam
para salvá-las ou matá-las
como eles o faziam.
As crianças enfermas
bebiam o suco áspero
das ervas bravias
e esperavam o amanhecer.
O tamanho da aldeia
dependia do minúsculo corpo
que lutava no escuro,
o tamanho da terra
aguardava o final
desta luta
para voltar a crescer.

NOVIDADES NA ALDEIA PERDIDA

De tão previsíveis,
vestíamos com medo
uma roupa nova,
mas ali uma roupa e um homem
custavam a envelhecer.
Tão previsíveis
que uma festa sem os Silva
ou sem os Queiroz
tornava-os estranhos:
porque ali as festas
eram poucas, mas feitas
para todos nós.

OS KAAPOR

Acreditávamos no reino de Maíra,
um céu longínquo, que ficava
(depois soubemos),
na cidade de São Luiz do Maranhão.
Para lá fomos
despidos, mas portando
os emblemas tribais.
E vocês nos prenderam
e vocês nos vestiram
com suas roupas compradas
e depois nos bateram
com seus bastões de borracha.
Quando Uirá, nosso grande chefe,
humilhado compreendeu
que aquele sofrimento
não era desígnio de Maíra,
afogou-se num rio
infestado de piranhas e piroques.
E só nos restou acreditar
que o reino de Maíra
é aquele onde Uirá,
nosso grande chefe,
agora está.

OS ADAMANESES

Não precisamos ser
mais precisos que a natureza,
quando as árvores nos dizem
em que safra estamos,
quando as frutas e as crianças
nascem no tempo certo.

As árvores, nossas protetoras,
com seu luxuoso
calendário de cheiros,
seus milhares de olhos maravilhosos
presidem tudo por aqui:
marcam as horas em que as mãos
percorrem o corpo das jovens
procurando estrelas
que nunca se perderam,
marcam as horas dos rituais
fúnebres de nosso povo,
um povo educado pelas árvores,
que aprendeu a safrejar
em silêncio
para não acordar os lenhadores.

OS ESQUIMÓS

(Para os poetas esquimós Equeerko e Marratse)

Como somos poucos,
tentamos preservar-nos
e a canção é a única
forma de defender
o nosso amor,
e a canção é a única
forma de reaver
as vísceras de urso
que alguém nos roubou,
e a canção é a única
forma de castigar
o que pecou,
e a canção é a única
forma de medir
o vencedor,
e a canção é a única
forma de batalha
que nos restou.

OS BOXIMANOS

Entre nós, as coisas
são mais
para serem dadas
que possuídas.
De mão em mão,
esta faca perderá o seu fio
e morrerá saciada
de tanto saciar.
O que mais deseja
é o que mais merece
a coisa desejada.
O que mais se desprende
daquilo que possui
é o que mais possui.

OS ZUÑIS

Ele não ganhou
nenhuma corrida,
e também não ficou
tão atrás, que chamasse
a nossa atenção.

Seu nome só era
lembrado por nós
quando estava presente.
Sua voz nunca foi
tão alta que calasse
as vozes vizinhas,
nem tão baixa, a ponto
que a aldeia exigisse
sua repetição.

Tão igual, tão único
em sua igualdade,
que um pedaço de nós
realmente partiu
quando ele morreu,
que um pedaço de nós
realmente existiu,
realmente partiu
quando ele morreu.

INSCRIÇÕES AO VIVO

Escreveu sua alegria
assim: "outubro",
e ninguém entendeu.
Ela era simples: ao arroz quente
deu a forma de suas mãos
e o amado achou-o doce,
e o amado nunca o esqueceu.
De pequenos
e constantes gestos
é que se faz
a grande saudação.
Foi assim que as palmeiras
e as crianças
conseguiram crescer
e suportar-nos.

HERÓI ESCOVANDO OS DENTES

Mandaram-me brilhar
e fui apenas
uma lâmpada jovem
de poucas velas e muitos vales
para iluminar.
Resolveram aceitar-me
tal simples vontade de luz
no céu dos antepassados,
mas com a cômica
e conseqüente cautela
dos que temem
sorrir com intensidade,
dos que temem
pagar com altas taxas
de colesterol
sua primeira alegria.
Muitos me amaram
com enormes mãos delicadas

e no fim gritaram:
- Nem mesmo este cordeiro
deve apodrecer tanto tempo
na mesa da misericórdia.
Ao sul de Mombasa,
em qualquer sul
eu teria o mesmo destino.

"PONTA VERDE",
NO LITORAL DO NORDESTE

O noite, conte-nos de novo
sua história de barcos extintos
e essa chuvosa falta de socorro
na trêmula superfície do mar.

O primeiro rancor,
o primeiro roncar
de caminhões na estrada:
a morte seca:
a morte sem o elegantíssimo
cortejo das sardinhas.

Velhos cadáveres,
como doces relíquias espetadas
nas portas verdes do mar,
voltam a afogar-se
e, de novo, a oferecer-se
à impiedosa falta de lembrança
dos homens.

A mudança, a mudança,
eis o mais recente
nome da pressa e da aflição

A PAZ ETERNA, PARA OS UTÓPICOS

Não moramos aqui,
mas onde o espírito
ou qualquer coisa mais leve
do que os dedos da amada
costuma habitar.
Numa casa só violada
pelas folhas da brisa
e o riso das moças
que passam na estrada.

NO ÁLBUM DE TEREZA MOTA

Quando a terra crescer,
vai mudar de nome:
talvez terrível, talvez Tereza.
Se estudar de mesmo
os senões dos sinos,
as lições da luz,
Tereza será o nome da Terra.

Os habitantes de Tereza
terão a pele colorida
que nunca vi,
e escreverão livremente os livros
que nunca escrevi.

A História dividida em antes
e depois de Tereza:
a vida recomeçada
em cada fósforo,
em cada pássaro,
em cada Tereza.

ALGUMA PRESSA NA CALÇADA

As vezes, nos sentimos
acima desta agonia concreta
e cantamos poderosamente
sobre o majestoso granito.
Algo pode ser feito
desta massa comum
que tudo assimila e reduz
à sua própria matéria?
Alguma mulher infinita
(só duas ou três não são infinitas)
abrirá sobre os balcões
sua carne melodiosa
de tanto ser beijada?
As pessoas se descobrem
muito tarde:
só se vêem
e se falam
(mesmo)
quando já passaram.

AS PENÉLOPES URBANAS NÃO TÊM AJUDA DOS DEUSES

Os meninas fazem
tantas coisas iguais
que espero tua chegada:
único acontecimento do meu dia.

Mas, quando o trinco
é aberto devagar
sei que não chegas para mim.
A noite já devorou
tuas palavras maduras,
teu modo antigo de chegar.
Teu alvoroço
foi substituído
por um certo respeito
pelas coisas distantes,
e eu queria ser amada
ou pisada
como uma coisa viva.

TIRANOS & CAMELOS

Dai-nos as tardes
cobertas com o creme
das areias livres
das areias que cobrem
os corpos gigantes
dos tiranos mortos
e onde correm as moças
cheirando a caramelo.

Dai-nos as tardes
que os antigos cantaram,
onde cruzam no espaço
com o pólen dos jambeiros
as cinzas voláteis
dos tiranos mortos
e onde correm as moças
cheirando a caramelo.

DESEMBARQUE DE RUM

Os músculos negros
erguem as caixas de rum
e os sacos de raízes
quando a noite começa
a ter sede e. fome
de simplicidade.

São fortes e brilham
os músculos negros
ao suspender as crianças
nos celeiros do norte,
quando até os insetos
conseguem perturbar
o sono dos sábios.

NINGUÉM DIGA: DESSE FILHO NÃO BEBEREI

Uma casa, um poema, uma ponte,
muita coisa sendo construída
e eras só a possibilidade de uma ânsia
enquanto os homens trabalhavam.
Ao secar o poço materno,
o pão já estava cortado,
as meias tecidas
e o jardim varrido.
Tudo parecia completo
e, no entanto, eras
nova tentativa do mundo
para completar-se.

APOLO XI, VISTO DE BRASÍLIA

É nova a nave antes
do primeiro vôo,
mais nova ainda
se apenas projetada
na prancheta,
ainda mais nova
se apenas sonhada,
mais nova ainda
se nem pelo sonho pode
ser tripulada.

UMA SOPA CHAMADA TURBULÊNCIA

Estrelar alguns ovos
de serpentes nativas
e misturá-las ao sumo
de qualquer margarida
irremediavelmente pisada,
ao susto
de qualquer irmã
que bater no portão caído.
Acrescentar água das telhas
do último junho
passado na casa paterna
e levar tudo ao fogo
da alegria não permitida.

OPERAÇÃO FÊNIX: RELATÓRIO

As crianças sempre encontram
muita coisa para brincar
depois dos bombardeios.
Nossos trastes, só espedaçados,
ganham para elas
um novo interesse.
A ruína é apenas
outra ordem
difícil de aceitar.

AOS POETAS PATRIOTAS

Não me deram tempo
para amar minha terra:
dela só conheci
o que há em todos os hectares
sombrios da Terra.
Estive sempre em salas
onde o tempo e as mãos
eram mais vigiados
do que o céu pelos camponeses.
De minha terra só amei
o que os outros poetas
me contaram
muito tempo depois.

MUITO PRAZER, IGUALMENTE

Novos amigos
ou novos medos
de ofender
ou ser ofendido.
Novas esperas
ou novas formas
de assistir
ou ser assistido.
Novos ensaios
ou novos módulos
de a (ferir)
ou ser a(ferido).
Nova fraude
ou nova esperança
de encontrar
ou ser encontrado.

O QUE O EXPEDIENTE CAMUFLA
(Para Renato Carneiro Campos)

Tudo era adeus
e não sabíamos:
o olhar de admiração
para as moças do próprio bairro,
a urgência de dizer-nos
tantas vezes que estava
cansado de brigar
e a humildade repentina
solfejada no zênite
de sua agonia.

Tudo era adeus
e só escutávamos
a demorada saudação
de alguém que chegava
com seus incêndios e seus guizos
para conversar.

UMA CARTA QUASE IGUAL AS OUTRAS

A carta era curta
mas falava de certa planície
onde carcaças de touros
e tratores quebrados
disputavam a mesma desolação.
Nenhuma gentileza formal
borrava a escassa superfície:
só duras informações
sobre a última tarde de chuva,
e rápidas referências
a alguma moça assassinada
num motel da rodagem.
Quanto ao remetente,
a caligrafia ofegante
era a única (e involuntária)
concessão que fazia
à sua velha
e irrepreensível desgraça.

QUASE À MANEIRA DE JACQUES PRÉVERT

Apesar de tudo, de novo
fez que estava dormindo
quando ele chegou
machucando as plantas
e acendendo um cigarro
na porta da entrada,
como nos velhos tempos.

Apesar de tudo, bem cedo
chamou-o pelo maldito apelido
(nome de alguma planta ou pássaro)
e entregou-lhe as contas
da água e da luz,
como nos velhos tempos.

Apesar de tudo, na porta,
aceitou o beijo sem força
e as desculpas antecipadas
de que voltaria tarde, muito tarde,
como nos velhos tempos.

Apesar de tudo,
acenou um adeus sem graça
para o carro azul
salpicado de lama,
como nos velhos tempos.

CONVERSACÕES COM UMA MASOQUISTA

Eu disse: "acabou-se"
e ela entendeu uma rápida
passagem de abutres
sobre os telhados do Recife
e ficou tranqüila.
Eu disse: "acabou-se"
e ela salpicou meus cabelos
de vinho suave
para chamar a atenção
dos proprietários mais próximos.
Eu disse: "acabou-se"
e ela, dilatando as narinas,
tocou-me, com a mão boba,
por baixo da mesa
e deu uma gargalhada.
Eu disse: "acabou-se"
e ela sentiu-se
mais do que nunca acompanhada.

ATUALIZAÇÕES DE PENÉLOPE

Remendei suas calças
de um jeito
tão disfarçado e tão manso
quanto no tempo
em que mansa e delicada
eu percorria o seu corpo,
mas ele não vai notar.
Chegará bêbado e triste
e vestirá os seus trapos
como se fossem os mesmos,
como se minhas mãos
não os houvesse tocado.
Foi um dia perdido,
dirá meu coração,
quando ele chegar
tropeçando nos filhos
e pedindo aos gritos
sua garrafa de alcatrão.

ESTES CIÚMES DOS COMEÇOS

Mal acabo de abrir um livro,
já te sentes sozinha.
E, raivosa, vais ao jardim
matar o tempo e as borboletas.
Não chames nunca de abandono
a todo passo
que não for dado
em tua direção.
Posso estar longe construindo
tua casa de pedra,
posso estar longe, construindo-te.

NO BAR DA LIVRO 7

Dois velhos boêmios cantam,
entre idas e vindas
ao sanitário do bar.
As vozes já não são as mesmas,
são mais baixas
e o tempo é mais curto.
Só cresceu mesmo
o motivo para cantar.

UMA SEMANA DE RUTE

Naquela semana,
várias vezes, Rute
mudou de rosto,
de rumo
e de cor:
do rubro ao firme,
do parvo ao verme,
do pânico à vergonha.
Na outra semana,
levantando o lençol,
Rute estava viva
sob o mesmo sol,
e todas as coisas
que a tentaram mudar
estavam vivas também
e a vieram saudar.
Danem-se, disse Rute,
não podemos ser
julgados pelo rosto
que temos na hora

em que alguém de súbito
aperta nossa mão.
Ainda que esse aperto
dure uma semana,
um mês, uma estação,
nossa face é a outra,
a que ficou escondida
entre as duas mãos.

A PAZ RELATIVA OU
A CATÁSTROFE LEGAL

Um dia de paz no mundo.
houve apenas
os duzentos mil mortos habituais.
Ainda não foi hoje
teu passo em falso no tráfego
e chegaste em casa
com teus pães, tua pasta escura,
tua raiva muda do ministério.
Chegaste tão suado, tão triste,
tão bem,
que até notaste
a blusa nova de Bernardete
e o arranhão no joelho de Márcio.
Um dia maravilhoso,
com uma taxa justa de mortos.

UMA CONVERSA DE CASAL

Teus cabelos chovem sobre a tua inocência,
teus cabelos chovem sobre a tua tristeza.

O resto é tão pouco importante:
as varizes não operadas,
os dentes estragados
e o amor também.

Mas, existe uma luz
e ninguém a chamou,
uma luz, um remorso
que sentiste ontem.

Ontem faz tantos anos,
tantos medos,
tantosinhos,
tantas vidas
e nasceste ontem.

É DIFÍCIL PUNIR O GATO CERTO

Quando começam
a procurar o culpado,
quando começam
a perguntar quem foi
que sujou com lágrima
o limpo assoalho,
tudo está perdido.
Quando as pessoas morrem
umas para as outras
as coisas que as cercam
começam a viver.

ASSIM, JÁ NÃO É FUGIR

Na rua de Luzia
ninguém os conhecia:
fecharam as portas
aos pedidos de arroz
e de socorro.
E era um amor
tão blindado
em suas cobertas,
tão surdo
e tão cerrado
em orgulhoso deserto,
que seus gritos de noite
não se ouviram
quando lá dentro se mataram
em silêncio
os que em silêncio se amaram.

ELA, NA AULA DE ANATOMIA

Quente, como um pedaço de grama
que escapou de um incêndio,
eu a sinto no toque
(só inicialmente) delicado
dos dedos.

Às vezes, apenas
pequena porta de borracha
aquecida,
ou apenas um olho
cego de aventura.
Mucosa comovente e sombra
sob a seda,
enquanto nova,
enquanto sede
de todas as sedes.

OLHEM OS INIMIGOS DELICADOS

As primeiras lanças
ferem mais fundo.
Depois disso, fora o furor,
há pouca coisa a esperar.
As primeiras lanças
doem mais longe.
A ingênua piada
era o primeiro escárnio,
era o primeiro ataque
e não sabíamos.
Como sorrir, agora, para os estranhos?
Nunca somos ou estamos
suficientemente
amados ou armados.

A POESIA ENTRA NA TERAPIA INTENSIVA

Teu amigo foi proibido
de acompanhar-te.
E, enquanto o enganavam na sala-de-espera,
uns homens vestidos de pombo
te violavam lá dentro.
Proibido de te assistir,
o poeta fica lá fora:
esperando a sua vez,
esperando que todos falhem.

O POETA ESTA NA PIOR,
COMO DIZEM OS JOVENS

(Para Almir Castro Barros)

O poeta exige pouco:
a amada de poucas curvas e
e muitos cabelos soltos
o salvará do porre fatal.

O poeta exige pouco:
o amigo ébrio
vai-se tornar a sua única
consagração universal.

O poeta exige muito pouco:
basta gostar de seu poema
e levantará a cabeça
para o dia seguinte.

A PRINCESA E O PLEBEU
NO POSTO DE GASOLINA

Moça na moto
de cem cilindros,
e as nádegas
esticadas no jeans
azulados de outubro:
dois olhos
brilhantes e pobres
acompanham esse vôo
de ave raivosa,
ruiva e rasteira,
que só se estanca
nessas plagas
para comprar combustível
ao bombeiro adolescente.

JOSÉ TEOTONIO, JARDINEIRO PÚBLICO

Sob as árvores e sob as ordens
dos ventos de agosto,
José Teotônio trabalha.
Seu ofício, bem simples, é apanhar folhas,
cravá-las, no chão, com um espeto de aço
e recolhê-las com a mão.

Luta só, contra o outono
a velhice das árvores
e as ventanias.

AINDA O MAR OU TALVEZ A LUTA

Se ainda vives,
corre para o mar.
Vai ver o velho pugilista
peso pesado, a estragar
os seus jabs na areia.
Não perguntes porque
ele investe e recua,
a ganhar e a perder
o mesmo espaço.
Se ainda vives,
vai fogo aprender
essa bela e absurda
forma de lutar.

A UMBANDA, NOVAS LOUVACÕES

O mistério (que poderia ou não nos salvar)
refugiou-se nos subúrbios
sem coletas de lixo, sem sistemas hidráulicos,
sem reuniões de alto nível.
Refugiou-se nos tantans
das madrugadas sem soda,
nos tambores altivos
que não armam nem sustam
invasões invisíveis.
o mistério hospedou-se
nos frágeis templos de madeira,
o mistério fugiu
e abraçou
os abandonados.

CRUELDADE DE GALA, O PRAGMATISMO

O Secretário de Estado Henry Kinssinger
fez um hemograma na África
e tremeu de alegria com o resultado na mão:
outras mil horas de vôo
sob o céu de dois hemisférios.
Naquele instante,
o melhor pastor de Sertânia
mordia melancólico
sua carne de sol,
enquanto a filha sonhava
com um vaqueiro dourado,
É Deus, pergunta seu rebanho,
quem preside esta catástrofe?
Isso mesmo perguntava
à cidade do Recife
um jovem de cabelos chuvosos.

NOVA DISCUSSÃO SOBRE O MEDO

Pelo temor de Deus,
suportávamos
o edital das cortes.
Por causa dele, obedecíamos
tanta, ordens fatais.
Sem grandes esperneios, íamos
insones deitar
para que os adultos
fechassem seus negócios
ou trepassem em paz.
O temor de Deus acabou
quando o calibre das armas
um dia dispensou
o colorido discurso
do paraíso sem f i m.

OS OTIS, FALANDO TAMBÉM DE SEGURANÇA

Porque nos enganamos,
porque suas reses não eram
a estranha e mansa caça
que procurávamos,
eles nos trucidaram
e sobre os nossos corpos
seus rebanhos continuaram a pastar.
Mas, éramos sua cerca
e eles não sabiam,
sua forte cerca
de papoulas pardas
e eles não sabiam,
e eles só souberam
quando foram também trucidados
pelas tribos de fora
que nos temiam.

REMINISCÊNCIA DE UM HERÓI DOMÉSTICO

Com Deus, ou sem ele,
o dia acabou.
Agora, vamos ao chuveiro,
às queixas da mulher,
sempre com razão
e sempre abandonada,
ou, em sonhos, ao mar de Okhotsk.
Talvez voltar
ao hotel suspeito
que abrigou certo estudante
muito inteligente
para os pais e as namoradas de subúrbio.

MEDITAÇÕES PARA ALGUM EXECUTIVO

Dizem que no Japão
os pedestres
além de pedestres são submissos.
E os pedestres japoneses perguntam:
- Ser educado é ser submisso?
Que a Santíssima Trindade
tenha pena dos povos educados,
reza um guarda florestal
na Serra de Borborema,
antes de alimentar os seus porcos.
Ele coça, sem perturbar-se,
suas partes sagradas,
e os porcos não erguem a cabeça
para condená-lo.

"HELP", AOS PERIFÉRICOS

Londres, a antiga
capital dos estranguladores,
compôs esta música,
este ganido de socorro,
quando todos sonhavam habitá-la
É uma canção que os moços
cantam em São José do Egito,
aos domingos, bebendo
seu vinho barato e fumando
uma erva doce, crescida
à sombra dos cactos.
Londres pedia socorro
aos que nela buscavam
refugiar-se.

A CHANTAGEM DOS EXTREMOSOS

Não injetemos na terra
nossa impotência,
nossa raiva de nunca_mais
podermos fecundá-la.
Ela um dia ofereceu
os bosques mais livres
para nossos filhos
e a noite mais cúmplice
para nossa fuga.
Que não seja mais
degradada
em nome de nossos filhos
ou de nossa fuga.

DOMINGO, NA MATINÉE

Não, não sou o cowboy solitário,
mas aquela nuvem de poeira
atravessando a planície:
me falta coragem de entrar em Abilene,
pedir um trago no balcão
e perguntar grosso pelo fascínora,
bebo aqui mesmo e sinto medo da noite;
não tenho revólver com marcas na coronha,
nem cavalo ensinado que me desamarra com os
dentes
sou o índio sem rosto, que só sabe cair;
não sou o cowboy solitário:
não salvo Susan da quadrilha de Jesse,
nem do mau casamento,
mas brigo com os espinhos para espíá-la no banho.

QUANDO ALGO FOI DESLIGADO

O ruído de minha máquina
a bater um poema
despertou-te lá dentro: só assim a poesia
ainda consegue despertar .

QUANDO CHOVE NO PROGRESSO DO RECIFE

As alegres e núbeis
chuvas de janeiro
paralisam o trânsito,
e tumultuam a cidade
que antes as recebia
com festas e frutas,
no tempo em que todos,
faziam parte da natureza,
no tempo em que as chuvas
faziam parte
da natureza de todos.

IMPORTÂNCIA DA GUERRA FAMILIAR

Agora,
sem os seres amados,
com seus choros e rixas
de prontidão,
podemos vagar à vontade
e, no entanto, não temos
coragem de vagar:
justamente porque,
sem eles, sabemos
que não há mais ninguém
para nos perdoar.

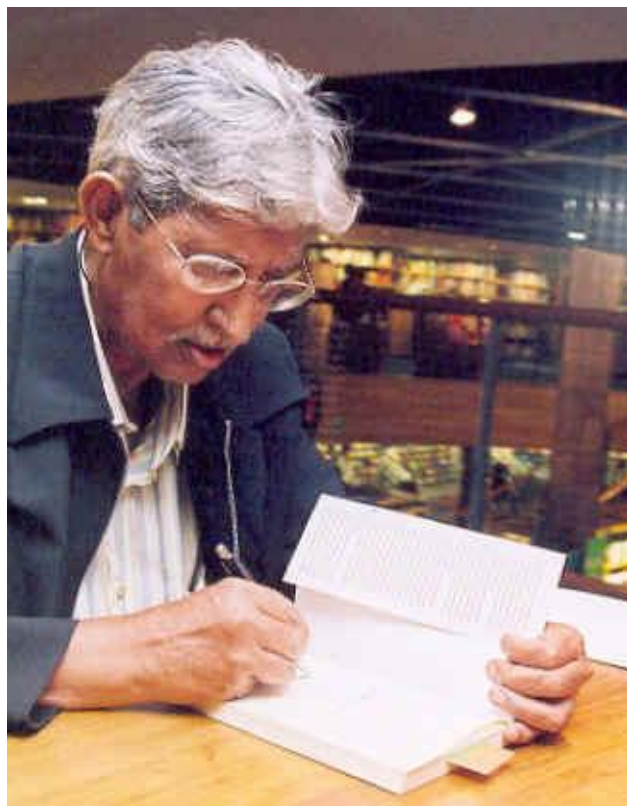


EDIÇÕES PIRATA – RUA BETÂNIA, 10/102
DERBY – RECIFE – PE – 5000

Edição eletrônica comemorativa
dos 40 anos de poesia do autor 1966-2006



Alberto Cunha Melo nasceu em Jaboatão, PE, em 1942, e pertence à geração 65, do Recife. Livros publicados: *Círculo Cósmico*, *Oração pelo Poema*, ambos pela Imprensa Universitária da UFPE, e *Publicação do Corpo*, (em *Quíntuplo*) edição particular. Livros inéditos: *Poemas Anteriores*, *Poemas Finais*, *Capoeira das Juremas* e *Conjunto*, todos de poesia.



Alberto da Cunha Melo
Recife, 09 de maio de 2006,
Livraria Cultura, Paço Alfândega, Recife
Lançamento do livro
O Cão de Olhos Amarelos
& Outro poemas inéditos



ALBERTO DA CUNHA MELO

BIBLIOGRAFIA

Sobre Alberto da Cunha Melo, encontram-se verbetes no Dicionário Biobibliográfico de Poetas Pernambucanos (CEPE/FUNDARPE, 1993, Recife - PE), na Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa. (Editora Verbo, 1999. Lisboa/São Paulo) e na Enciclopédia de Literatura Brasileira (Global Editora, 2001, São Paulo)., além dos encontrados nas antologias a seguir citadas.

Ensaio publicado: CORDEIRO, Cláudia. Facas da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo. Recife: Bagaço, 2003.

Dissertação/Mestrado: FARIA, Norma Maria Godoy. Metapoesia e Profecia em Alberto da Cunha Melo. UFPB, 2005.

No site do autor: www.albertocmelo.com, encontram-se informações mais detalhes sobre ele e sua obra.



- 1966 Círculo Cósmico. Recife: Separata da revista Estudos Universitários.
- 1967 Oração pelo Poema. Recife: Universitária, Separata da revista Estudos Universitários, da UFPE.
- 1974 Publicação do Corpo. Recife: Aquário, in Quíntuplo.
- 1978 Planejamento Sociológico- (em co-autoria com o sociólogo Roberto Aguiar). Recife: Massangana.
- 1979 Dez Poemas Políticos. Recife: Ed. Pirata.
- 1979 Noticiário. Recife: Ed. Pirata.
- 1981 Poemas à Mão Livre. Recife: Pirata.
- 1983 Soma dos Sumos . São Paulo: José Olympio Editora\ Fundarpe.
- 1989 Poemas Anteriores. Recife: Bagaço.
- 1992 Clau. Recife: Ed. Universitária (UFRPE).
- 1996 Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre Recife: Bagaço.
- 1999 Yacala. Recife: Gráfica Olinda.
- 2000 Yacala. Natal: EDUFRN, edição fac-similar, prefácio de Alfredo Bosi.
- 2001 Um Certo Louro do Pajeú . Natal: EDFURN.
- 2002 Um Certo Jó. Recife: Edições Uzyna Cultural.
- 2003 Dois Caminhos e uma Oração. São Paulo: A Girafa.
- 2006 O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos. São Paulo: A Girafa.

ANTOLOGIAS

- 1967 Lírica. Recife: Elói Editor.
- 1981 Coletânea de Poesias Acreanas. Rio Branco. Ed. Cia. de Teatro Quarto Fuso.
- 1981 A cor da Onda por Dentro - Ed. Pirata - Recife - PE
- 1985 Miguel Arraes - um nome que se faz poesia . Recife: s\ed.
- 1986 Poetas da Rua do Imperador - Pool Editorial S.A. - Recife - PE
- 1987 Álbum do Recife - Ed. Prefeitura da Cidade do Recife - Recife - PE
- 1988 Antologia Didática de Poetas Pernambucanos. Recife: Governo de Pernambuco.
- 1992 Natal Pernambucano; Recife: Ed. Bagaço.